

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

5 de Setembro de 2024

TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

YOUNG AT HEART / 1954 Apaixonadas

Um filme de Gordon Douglas

Argumento: Julius Epstein e Lenore Coffee, a partir da adaptação de uma história de Fanny Hurst / *Diretor de fotografia (35 mm, Technicolor):* Ted McCord / *Direção artística:* John Beckman / *Música:* não indicado no genérico / *Montagem:* William Ziegler / *Som:* Leslie G. Hewitts / *Interpretação:* Doris Day (*Laurie Tuttle*), Frank Sinatra (*Barney Sloan*), Gig Young (*Alex Burke*), Ethel Barrymore (*a tia Jessie*), Dorothy Malone (*Fran Tuttle*), Robert Keith (*Gregory Tuttle*) e outros.

Produção: Arwin Productions, distribuição pela Warner Bros / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 117 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, Dezembro de 1954 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Império), 20 de Junho de 1956 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: devido à chegada tardia da cópia não foi possível elaborar a “folha” de sala. Em substituição propomos um artigo de José Maria Latorre, publicado em *Dirigido*, nº 362, Dezembro de 2006.

A quem parecer estranho ver o realizador de **Them!** (1954), **Fort Dobbs** (1958), **Rio Conchos** (1964) ou **Detective** (1968) assinar esta comédia sentimental é bom lembrar que Gordon Douglas nunca recusou nada que lhe oferecessem ao longo da sua trajetória profissional. Ao lado dos títulos citados, realizou filmes de aventuras, comédias, filmes policiais, de guerra, westerns, panfletos anti-comunistas, melodramas, biografias e mais de um *filme negro* ao serviço de cantores (Kathryn Grayson, Elvis Presley). Para o espectador de hoje, **Young at Heart** é uma amostra de um cinema que desapareceu para sempre, com o acréscimo de que o mundo refletido neste filme já é uma fantasmagoria. Lembremos que **Young at Heart** é a adaptação de uma história de Fanny Hurst, autora do romance **Imitation of Life**, levado ao cinema por John Stahl em 1934 e por Douglas Sirk em 1958. A muitos espectadores de hoje o mundo descrito no filme poderá parecer tão remoto quanto um ambiente medieval e poderão ter dúvidas se realmente existiu ou se é fruto de um devaneio: há bons sentimentos; um caloroso ambiente familiar; um pai que é doutor em música e tem o seu diploma emoldurado na parede da sala; três filhas, que tocam piano, harpa e violino, organizam pequenos concertos caseiros com o pai, com o qual nunca discutem; uma idosa e sorridente tia solteira; amores aos quais não se pode renunciar e amores aos quais se renuncia em nome do amor fraterno e da estabilidade familiar; vizinhos agradáveis; festas de Natal sobre um fundo visual de ruas cobertas de neve e um sonoro *Jingle Bells*, às quais assistem sorridentes amigos da família; prendas bem embrulhadas, que as personagens abrem a sorrir; aniversários em que um avô sopra a única vela num bolo sob os aplausos dos parentes; bares escuros, em que um indivíduo toca piano com uma expressão de amargura e um cigarro nos lábios, enquanto ninguém lhe liga nenhuma...

Tudo isto pode chamar mais a atenção em **Young at Heart** porque, à diferença do que fizeram Stahl e Sirk em relação a Fanny Hurst (exacerbar os componentes melodramáticos da obra, estilizando-os de modo maneirista), Gordon Douglas fez uma aproximação realista, como era seu costume. Deste modo, o cineasta pôs o efeito de realidade ao serviço de um mundo que já estava então extinto e para o qual os melodramas de Sirk são uma espécie de resposno, colocando-o num espaço fúnebre

ornado com flores, lareiras crepitantes e cortinas trémulas pelo sopro do efeito de irrealidade. Tudo é mais realista em Gordon Douglas, se bem que a neve, a chuva, as ruas, os salões, as janelas, os quartos e as próprias personagens sejam tão irreais e fantasmagóricos como nos filmes de Sirk. Nota-se isto facilmente nas cenas de interior com várias personagens, que são construídas em função do movimento dos atores no interior do plano, um pouco ao modo de Frank Capra, mas há uma passagem que mostra bem a diferença. Trata-se da tentativa de suicídio de Barney Sloan (Frank Sinatra), quando, numa noite de neve, volta de automóvel à casa dos Tuttle depois de ter levado Alex Burke (Gig Young) à estação, que nada tem que ver com as explosões emocionais dos filmes de Sirk (penso em **The Tarnished Angels** e **Written on the Wind**, se bem que Sinatra e Robert Stack, o intérprete destes dois filmes, fossem muito diferentes na maneira de expressão conflitos interiores). Douglas filmou a cena de modo realista, sem acrescentar-lhe emoção nem sublimá-la: na estação, Alex entrega a Barney um envelope com dinheiro para ajudá-la na sua difícil situação económica; é noite fechada, a chuva se transforma em neve e Barney põe a funcionar o limpa para-brisas, mas para-o a dada altura e a neve se acumula no para-brisas, impedindo a visibilidade; os planos de Barney, pensativo e os contraplanos do vidro são explícitos no que diz respeito à sua decisão de deixar a vida. Neste caso, a única resposta possível era a elipse.

José Maria Latorre